

PESQUISA

Popularidade de Lula e confiança no presidente ainda resistem à crescente preocupação do brasileiro com a aceleração dos preços

Inflação preocupa

GUSTAVO KRIEGER
DA EQUIPE DO CORREIO

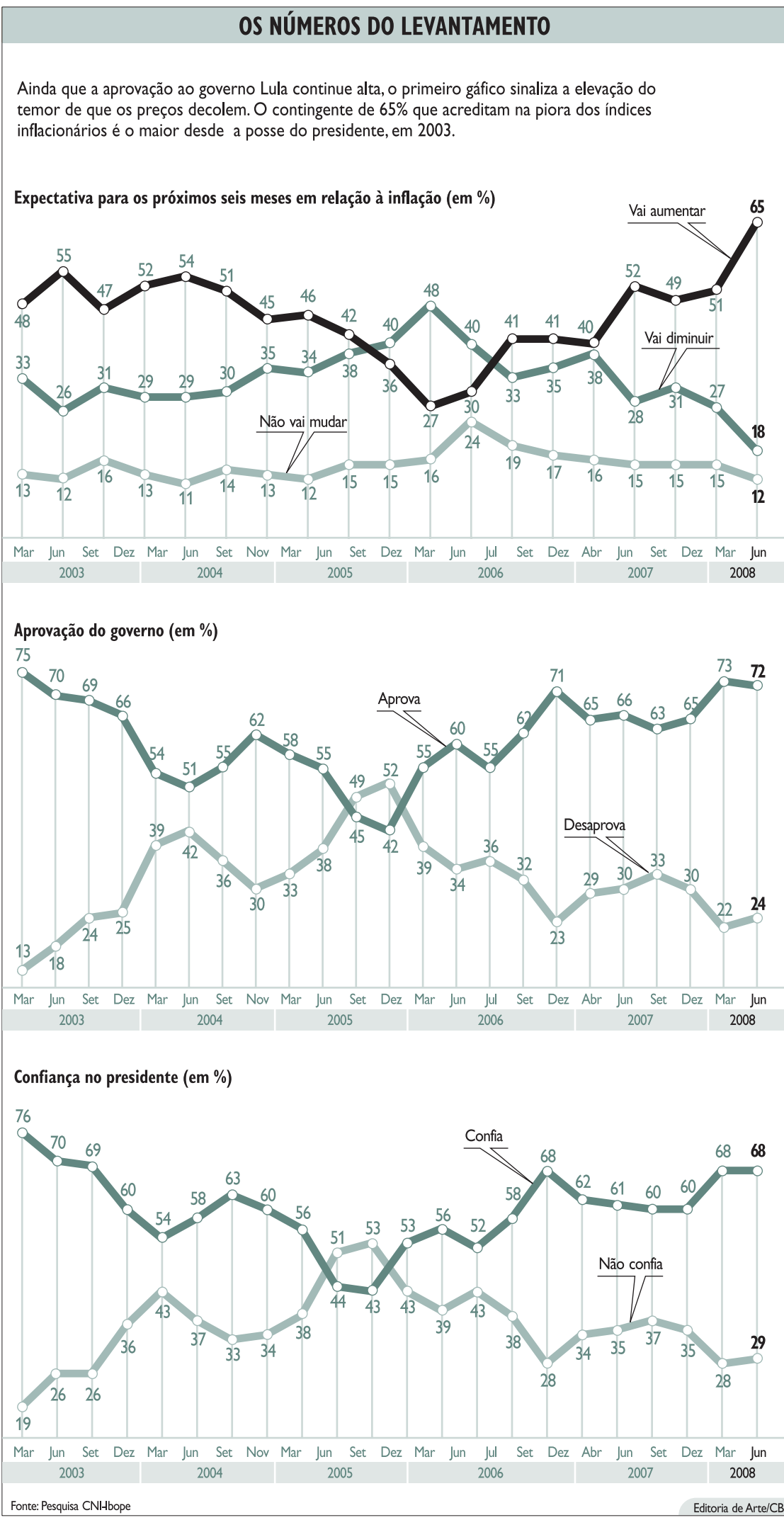
Os brasileiros estão mais preocupados com a volta da inflação e não confiam na forma como o governo enfrenta o problema. Mas, ao menos por enquanto, os temores sobre a economia não foram suficientes para abalar a popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Essas são as principais conclusões da pesquisa feita pelo Ibope para a Confederação Nacional da Indústria (CNI), divulgada ontem.

No levantamento anterior, feito em março, 51% previam aumento da inflação nos seis meses seguintes. Hoje, esse número chega a 65%, sendo que 19% dos entrevistados acreditam que os preços vão aumentar muito. É o pior número desde o início do governo Lula. A expectativa piorou também com relação ao desemprego. Em março, 42% previam que ele iria aumentar e 32% acreditavam em queda. Hoje, os que acreditam em aumento do desemprego chegam a 52%, contra 24% de otimistas, que esperam queda.

O Ibope pediu que as pessoas avaliem a atuação do governo em diferentes áreas. Onde Lula mais perdeu foi na economia. Em março, 51% achavam que o governo agia certo no combate à inflação e 43% discordavam. Esses números viraram. Hoje, 53% acham que a estratégia está errada e 41% concordam. A política de juros, que nunca foi muito popular, piorou. Em março, 53% reprovavam e 39% eram a favor. Hoje, a condenação subiu para 61% e a aprovação para 31%.

Apesar disso, as preocupações com a economia ainda não contaminam a avaliação geral do governo. A aprovação continua em 72%. Para 58% dos entrevistados, a administração é "ótima ou boa", enquanto apenas 12% a descrevem como "ruim ou péssima". Chamados a dar uma nota entre 1 e 10 ao governo, os entrevistados conferiram 7 a Lula.

Em parte isso pode ser explicado por uma diferenciação feita pelos pesquisados. Embora pessimistas com o quadro macroeconômico, eles estão otimistas quanto à sua própria situação financeira. Segundo o Ibope, 37% dos entrevistados esperam aumento na renda pessoal nos próximos seis meses. Um índice um pouco menor que os 42% registrados em março, mas bem acima dos 16% que temem redução da renda no segundo semestre de 2008. E nada menos que 80% dos entrevistados descreveram o ano de 2008 como "bom ou muito bom".



Pensamento único de sinal trocado

As homenagens a Ruth Cardoso por ocasião de sua morte, na semana passada, foram unânimes em apontar a importância dela para o desenvolvimento dos programas sociais durante o governo do marido, Fernando Henrique. Nada mais justo. Ruth Cardoso está entre os brasileiros a quem o país agradece por terem lançado as pedras fundamentais de uma nova cultura, segundo a qual é razoável o governo repassar dinheiro dos impostos para pessoas e famílias que vivem abaixo dos patamares mínimos de civilização.

É verdade, também, que nos últimos anos o partido de dona Ruth, o PSDB, andou derrapando no assunto. Tem origem tucana a expressão "bolsa esmola". O epíteto talvez seja o símbolo mais nítido e acabado da confusão mental em que o tucanato mergulhou quando percebeu que o governo de Luiz Inácio Lula da Silva não seria o desastre imaginado. Assim como o afogado que se debate em pânico por não saber nadar, o PSDB passou os últimos anos debatendo-se com a realidade de uma administração petista que tinha resultados a apresentar. Não conseguiu compreendê-la ou, tampouco, buscar um caminho para fazer oposição eficaz. O resultado é conhecido.

Não faltam fundamentos intelectuais para o equívoco cristalizado na expressão "bolsa esmola". Por décadas, um certo pensamento de esquerda cultivou a ojeriza ao que antes se chamava, pejorativamente, de "assistencialismo". Como gostava de notar Leonel Brizola, era mais uma manifestação das idéias da "esquerda de que a direita gosta". Os progressistas juntavam-se aos conservadores na crítica. Para uns, programas sociais poderiam eventualmente anestesiá-los politicamente as massas trabalhadoras. Para outros, gastar recursos públicos com os pobres era simplesmente dinheiro jogado fora.

Mas isso agora é História. O elitismo, de todos os matizes políticos, foi derrotado pelos fatos. E a prova é que vivemos um período de pensamento único, só que de sinal trocado. Não há hoje político que dispense de seu discurso a ênfase nos programas sociais. Melhor ainda: não há político que, no poder, abra mão de praticar algum tipo de assistencialismo. Se isso é bom ou ruim, trata-se de uma discussão para acadêmicos. E os há para todos os gostos. Na vida real, entretanto, do Democratas ao PCdoB, passando pelos criadores do "bolsa esmola", só o que se vêem são candidatos prometendo gastar mais e mais dinheiro com os pobres. Repassando renda ou investindo em serviços públicos.

Aqui e ali, entretanto, ouvem-se os murmúrios de um passado que talvez não se conforme em morrer. Volta e meia, protesta-se contra a suposta falta de "portas de saída" para os beneficiários dos programas de distribuição de renda. A crítica, mesmo que bem intencionada, talvez sofra de preconceito social. A mãe pobre manda o filho para a escola porque sonha com o dia em que o menino, ou menina, mu- de de vida. E não porque eventualmente tema perder o dinheiro que o governo dá no final do mês.

Curioso é que a grita geral pela exigência de contrapartidas vindas dos pobres inscritos nos programas sociais não se repete quando o assunto são as verbas destinadas pelo Estado às camadas sociais mais acima. Os grandes agricultores, por exemplo, podem tranquilamente transformar empréstimos do Banco do Brasil em uma espécie de "bolsa calote", sem que recebam em troca nem um milésimo dos vitupérios dirigidos aos beneficiados pelo Bolsa Família. Ao contrário. Sai governo, entra governo, os caloteiros do campo dormem tranquilos, na certeza de que virá de Brasília algum tipo de perdão para as dívidas que acumulam enquanto seus negócios vão cada vez melhor.

Coisas do Brasil. Mas não vou perder o tom desta coluna, que é de otimismo. Dona Ruth só recebeu as devidas homenagens depois de morta. Paciência. Pena que a disputa do poder talvez seja um entrave quase intransponível para que se reconheçam ainda em vida os méritos dos políticos.

Por isso mesmo, é mais útil prestar atenção ao que os políticos fazem do que ao que eles dizem. Estou curioso para saber se haverá algum candidato a prefeito, em alguma das milhares de cidades brasileiras, que defenda na campanha eleitoral deste ano a redução dos investimentos públicos em saúde e educação, ou o corte nos benefícios dados aos pobres. Como é impossível para qualquer jornal ou jornalista monitorar tudo, fica aqui o pedido. Se você souber de um caso assim, peço encarecidamente que nos avise. Certamente será notícia.

TENHO A CURIOSIDADE DE SABER SE HAVERÁ ALGUM CANDIDATO A PREFEITO QUE DEFENDA A REDUÇÃO DOS INVESTIMENTOS PÚBLICOS EM SAÚDE E EDUCAÇÃO, OU O CORTE NOS BENEFÍCIOS DADOS AOS POBRES

NISSAN. A MONTADORA JAPONESA MAIS INOVADORA DO MUNDO.

IMIGRAÇÃO JAPONESA. 100 ANOS DE BRASIL.



Taxa de 0,99% em 60x sem entrada.

NISSAN SENTRA 2.0 O ÚNICO SEDAN COM CÂMBIO AUTOMÁTICO X-TRONIC CVT

- Direção elétrica
- Motor 2.0 16V com 142 cv
- CD player com entrada para MP3
- Freios ABS e airbag duplo
- Piloto automático
- Ar-condicionado e alarme

NISSAN TIIDA

O PRIMEIRO HATCH JAPONÊS NO MERCADO

- Motor 1.8 16V com 124 cv
- Câmbio manual de 6 marchas
- Ar-condicionado
- Airbag duplo
- Direção elétrica
- Vidros elétricos



Financiamento por leasing exclusivo para linha Sentra 07/08 sujeito a aprovação de cadastro. Promoção válida até 15 de julho e limitada ao estoque. Fotos ilustrativas.

NISSAN

PREMIER

SIA TRECHO 1 3362-4040